



Adilson Tadeu Basquerote  
(Organizador)

# GEOGRAFIA:

Espaço, ambiente e sociedade

  
Ano 2021



Adilson Tadeu Basquerote  
(Organizador)

# GEOGRAFIA:

Espaço, ambiente e sociedade

 **Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília



Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Geografia: espaço, ambiente e sociedade

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Bruno Oliveira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Adilson Tadeu Basquerote

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G345 Geografia: espaço, ambiente e sociedade / Organizador Adilson Tadeu Basquerote. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-784-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.847211412>

1. Geografia. I. Basquerote, Adilson Tadeu (Organizador). II. Título.

CDD 910

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A obra: “**Geografia: Espaço, ambiente e sociedade 1**”, reúne essencialmente estudos que centram-se na temática da Geografia como ciência, em diferentes contextos e perspectivas. Por meio de pesquisas transdisciplinares, revela-se a constituição do espaço geográfico como sendo o palco das realizações humanas, passíveis de serem analisadas, catalogadas e classificadas pelas inúmeras especialidades da ciência geográfica.

Entre os temas abordados destacam-se processos de ensino e aprendizagem, trabalho informal, crescimento econômico x crescimento social, mobilidade, violência e ocupação urbana, conflitos agrários e criminalidade, patrimônio arqueológico e alimentar, fronteiras raciais, turismo, entre outros. Fruto de esforços de pesquisadores de diferentes regiões e instituições brasileiras, venezuelanas e mexicanas, o livro é composto por quinze capítulos, resultantes de pesquisas empíricas e teóricas, que entrecruzam distintos conceitos da Geografia e de outras áreas do conhecimento.

Nesse interim, o livro reflete o cenário de estudos recentes, contextualizados, e com aprofundamento científico para a área que se propõe. Além disso, seus capítulos se configuram com um contributo no entendimento da construção do espaço geográfico, suas nuances e contradições. Além disso, reforça a prerrogativa da Editora Atena, na publicação de obras que vão ao encontro da dinamização científica nas diferentes áreas do conhecimento.

Que a leitura seja convidativa!

Adilson Tadeu Basquerote

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A GEOGRAFIA POÉTICA INDÍGENA DO LUGAR AMAZÔNICO	
Francisco Marqueline Santana	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114121">https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114121</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
A MAIOR IMPORTÂNCIA DE SE ENSINAR-APRENDER GEOGRAFIA NA ESCOLA SEGUNDO PROFESSORES E ESTUDANTES DE GEOGRAFIA	
Sérgio Luiz Miranda	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114122">https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114122</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
A INFORMALIDADE NAS RUAS DE FEIRA DE SANTANA – BA	
Alessandra Oliveira Teles	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114123">https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114123</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>39</b>
CAMPINAS, A CIDADE MAIS SURPREENDENTE DO BRASIL: ENTRE OS ÍNDICES METROPOLITANOS E AS LEIS MUNICIPAIS	
Rafaela Fabiana Ribeiro Delcol	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114124">https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114124</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>53</b>
DUQUE DE CAXIAS (RJ) SITUAÇÃO PARADOXAL: CRESCIMENTO ECONÔMICO X DESENVOLVIMENTO SOCIAL BAIXO	
Fernando Ribeiro Camaz	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114125">https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114125</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>71</b>
MOBILIDADE URBANA: PROCESSO DE INTEGRAÇÃO ENTRE OS MUNICÍPIOS DA REGIÃO METROPOLITANA DO VALE DO RIO CUIABÁ (RMVRC)	
Maristene Amaral Matos Cornélio Silvano Vilarinho Neto	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114126">https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114126</a>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>82</b>
OCUPAÇÃO URBANA DO LITORAL SUL DE SANTA CATARINA: O AVANÇO SOBRE O SÍTIO ARQUEOLÓGICO SAMBAQUI GAROPABA DO SUL	
Carolina Porto Luiz Geovan Martins Guimarães Bruna Cataneo Zamparetti José Gustavo Santos da Silva Juliano Bitencourt Campos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114127">https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114127</a>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>95</b>
UMA GEOGRAFIA HISTÓRICA URBANA/REGIONAL DA PROVÍNCIA FLUMINENSE	
Valter Luiz de Macedo	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114128">https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114128</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>109</b>
VIOLÊNCIA URBANA E TRÂNSITO. ANÁLISE ESPACIAL DOS ACIDENTES DE TRÂNSITO NO MUNICÍPIO DE VITÓRIA, ES	
Liziane de Oliveira Jorge	
Giovanna Souza Piassi	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114129">https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114129</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>123</b>
ZONIFICACIÓN Y ORDENAMIENTO TURÍSTICO DEL CANTÓN ZAMORA- ECUADOR	
María Gabriela Suasnavas-Rodríguez	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141210">https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141210</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>135</b>
CONFLITOS AGRÁRIOS, VIOLÊNCIA E CRIMINALIDADE: BRAVOS CAMPONESES E A LUTA PELA(O) TERRA/TERRITÓRIO EM BALSAS NO MARANHÃO – BRASIL	
Vanderson Viana Rodrigues	
Eliezer Henrique da Silva Sousa	
Ademir Terra	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141211">https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141211</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>149</b>
MEDIDAS PARA LA REDUCCIÓN DE LA VULNERABILIDAD DEL ACUEDUCTO RURAL DE POTOSÍ, PARROQUIA LA FLORIDA, MUNICIPIO CÁRDENAS, ESTADO TÁCHIRA, VENEZUELA	
Carmelina González Ramírez	
Betty Judith Ramírez Chaparro	
Sandra Yusbeth Bustillos Leal	
Karena Rodríguez Acero	
Cleomary Oliveros Oliveros	
Daniela Rey Romero	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141212">https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141212</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>164</b>
FRONTEIRAS RACIAIS E GENOCÍDIO DAS COMUNIDADES NEGRAS COVID-19	
Elinton Fabio Romão	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141213">https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141213</a>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>176</b>
ALIMENTAÇÃO, PATRIMÔNIO CULTURAL E DESENVOLVIMENTO REGIONAL	
Vandreza Amante Gabriel	
Marilda Rosa Galvão Checcucci Gonçalves da Silva	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141214>

**CAPÍTULO 15..... 187**

INVESTIGAÇÃO DA CORRELAÇÃO ENTRE OS DADOS DO ENA (ENERGIA NATURAL AFLUENTE) PARA A PRODUÇÃO DE ENERGIA BRASILEIRA ATRAVÉS DA ANÁLISE MULTIVARIADA, COMO FATOR RELEVANTE DE ANÁLISE DA CRISE HÍDRICA

Débora Gaspar Soares

Glenda Rafaela de Sousa Quirino

Juliana da Fonseca Meira

Mariana Torres Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141215>

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 199**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 200**

# CAPÍTULO 1

## A GEOGRAFIA POÉTICA INDÍGENA DO LUGAR AMAZÔNICO

*Data de aceite: 01/12/2021*

### **Francisco Marqueline Santana**

Doutor em Geografia pela universidade Federal de Rondônia, e vice – coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa dos Modos de Vida e Cultura amazônica – GEPCULTURA / UNIR

**RESUMO:** A originalidade da geopoética é uma inclinação benéfica do berçário ancestral indígena, ela flui no colo dos espíritos da floresta, ela cotidianamente vive ao entorno no encontro de uma cosmogonia devaneante, ela viaja nas asas do imaginário simbólico, onde a sua relação intrínseca com os coletivos amazônicos jamais será dilacerada pelo tempo. A geografia poética encontra aconchego no lugar, mas o lugar sobreviver cotidianamente ameaçado pelo poder da sociedade envolvente. Quais alternativas surgem como meios a resistir coletivamente contra a hostilização dos povos indígenas na Amazônia brasileira? Neste artigo procuramos abordar alguns questionamentos que possam ser úteis as populações originárias e conseqüentemente, a conquista da tão almejada autonomia dessas coletividades.

**PALAVRAS – CHAVE:** Geografia; Poética; Lugar.

### **THE INDIGENOUS POETIC GEOGRAPHY OF PLACE AMAZONIC PLACE**

**ABSTRACT:** The originality of geopoetics is a beneficent inclination of the indigenous ancestral nursery, it flows in the lap of forest spirits, it daily lives around the meeting of a daydreaming

cosmogony, she travels on the wings of symbolic imagination, where its intrinsic relationship with the collectives Amazons will never be torn apart by time. Poetic geography finds comfort in the place, but the place survives daily threatened by the power of the surrounding society. What alternatives arise as means to collectively resist the harassment of indigenous peoples in the Brazilian Amazon? In this paper, we seek to address some questions that may be useful to the original populations and, consequently, the achievement of the much-desired autonomy of these communities.

**KEYWORDS:** Geography; Poetic; Place.

### **1 | A GEOGRAFIA POÉTICA**

A Geografia poética é dotada de uma linguagem singular e plural, e de forma dadivosa vive irmanada na cotidianidade das populações originárias e tradicionais da Amazônia em devaneio. Esta mesma Geografia poética é a capacidade humana de compartilhar os sentimentos e pertencimentos do outro, é a capacidade humana da empatia, é o enleamento à terra e a vida, é a vivacidade do ser cosmopolita e o natural hibridismo de uma autenticidade transcendental e heterotópica.

A poética vivificante do olhar geográfico não é estágio inesgotável do saber, não é suplício nem infortúnio do pesquisador, não é aniquilamento da vivência, não é ciência do deplorável e injusto e não é o bramir do chicote

da pesquisa positivista ou conservadora.

A poética vivificante do olhar geográfico é a tolerância pelo diferente, é a brandura pelas minorias étnicas sociais marginalizadas, é o respeito pelo sentimento estetizante dos modos de vida, é o pertencimento de apropriação da pesquisa de campo, é o entranhamento de ritos e mitos que se estende do material ao imaterial e é o metamorfoseamento transcendental do ato de investigar sem perder o foco da alma da coletividade, nem a sua original poética do devaneio, enfim, é a Geografia poética ontológica que navega nos devaneios do sonhador. Desta forma *“a poética do devaneio deve ser tão somente determinar os interesses de um devaneio que mantém o sonhador numa consciência de tranquilidade”*. (BACHELARD, 1989, p. 123).

A Geografia poética amazônica surge como uma vasta rede de conhecimentos e produções científicas, constituindo uma aguçada complexidade de relações culturais holísticas, embelecida por floresta e coletividades estetizantes e dotada de uma imensurável visão cosmopolita de mundo. Esta geopoética que fascina do real ao surreal, traz no bojo de suas problematizações a experiência do espaço vivido, as representações e presentificações do lugar, a visão heterotópica da vida e o imaginário cosmogônico e transcendental da divinizante ciência das encantarias.

É justamente este vasto mundo da cultura amazônica que nos faz entranhar-nos numa linguagem poética inesgotável dos povos da floresta. Para Loureiro (2001), a cultura de um povo é fonte inesgotável de inspiração, de símbolos, de experiências, de trabalho acumulado, de beleza e de utopias. Segundo o mesmo autor:

Quando se fala aqui de uma dominante poética e estetizante da cultura amazônica, claro está que não se fala de produção de “poemas”, isto é, de uma estrutura de palavras alinhadas em relações de tensão significantes, nem tampouco de poesia como qualidade inerente ao poema, como produção artística que se manifesta no âmbito da linguagem. Fala-se do poético, e mais precisamente, de uma poética como estado coletivo reinocentado. Fala-se de um conjunto de relações culturais com o mundo, reguladas pelo poético que emana do devaneio do imaginário em liberdade e cuja mediação é feita por meio das simbolizações estéticas configuradas na mitologia, na arte, na visualidade amazônica. (LOUREIRO, 2001, p. 87, 88).

Para Loureiro (2001), uma poética que se revela não somente nas criações dos diversos campos da arte, mas que também estabelece a forma de uma ética das relações dos homens entre si e com a natureza, para o mesmo autor, esta é uma poética em ação que se instaura no cerne de uma cultura governada pela função estética do imaginário.

Nesta relevante temática da poética amazônica, o imaginário social inebriante evoca aos espíritos da floresta, que são presentificados nos ritos e mitos, numa demonstração do sagrado que entrelaça o homem a natureza, que entrelaça seus modos de vida à terra e que culmina no divinal entranhamento das encantarias da mata à alma benevolente do ser e ao seu peculiar pertencimento da cotidianidade do espaço vivido.

## 2 | A ONTOLOGIA POÉTICA DO LUGAR AMAZÔNICO

Na dimensão ontológica do ser frui o original entranhamento com a autenticidade do lugar. Essa relação desmesurada com o ente, os utensílios do lugar, o espaço de ação e as encantarias florestais dos povos amazônicos, provoca o mais esplendor deslumbramento da natureza transcendental estetizante. Para Saramago (2014), Heidegger partiu da premissa de que o único ente capaz de estar à altura e de fazer em face de tal pergunta era, evidentemente, o homem.

Desta forma o ente é apropriado das coisas mundanas, que por sua vez nesta relação com a cotidianidade, o ser vai sendo lapidado no espaço e tempo. A procura do ente pelo ser é uma constante investigação do mundo vivido e neste sentido a fenomenologia surge como relevante suporte na construção deste processo.

Contudo, a ontologia moderna não é uma disciplina isolada, mas mantém uma peculiar imbricação com aquilo que se compreende por fenomenologia em sentido estrito. Somente com a fenomenologia surge um conceito adequado para a investigação. Ontologia da natureza, ontologia da cultura, ontologias materiais: tais são as disciplinas nas quais se realça, em função de seu caráter temático – categorial, o conteúdo objetual dessas regiões. O que assim se alcança serve de fio condutor ao problema da constituição, as conexões da gênese e a estrutura da consciência de objetualidades de um ou outro gênero. (HEIDEGGER, 1995, p. 08).

Neste mesmo sentido, Heidegger (1995), nos diz ainda que somente a partir da fenomenologia é possível levantar a ontologia correspondente sobre uma base problemática firme e manter-se num caminho adequado.

O caráter ontológico do ser é mundo vivido e apropriação do ente com os entes para a construção e reconstrução cotidiana do ser num determinado espaço de ação. Ainda sobre este caráter ontológico, Heidegger (1995) é enfático em dizer que *“o decisivo é tomar o hoje no estabelecimento da análise de maneira tal que se torne visível, algo assim como o caráter ontológico”*. (p. 39).

O homem pode viver num mundo em estesia ou exaurir-se, pode ser o ator do fabuloso mundo, mas pode submeter-se à fúria do próprio lugar ou da sociedade envolvente. O mesmo autêntico lugar pode transformar-se de brioso a uma gólgota, mas será sempre um lugar de enfrentamento e resistência humana. Sobre a relação, lugar, ser e mundo, Saramago (2014, p. 196), nos deixa a seguinte reflexão, inspirada nos estudos de Heidegger:

Heidegger jamais aceitou uma abordagem objetificadora do lugar, calcada apenas num conhecimento teórico: a compreensão sendo mais originária que o conhecimento e mais própria do ser – no – mundo, só ocorreria por meio da apreensão conjunta das relações entre as coisas. E é apenas assim, que podemos compreender o fenômeno do lugar, bem como o da interioridade.

Seguindo a mesma linhagem teórica de Lúcia Saramago, Eduardo Marandola

(2014), e também fazendo uma reflexão sobre o pensamento heideggeriano de mundo e ontologia, o referido pesquisador nos informa que mundo é como um conceito existencial – ontológico da mundanidade, ou seja, este se refere diretamente à presença do ser – aí, ligada ao cotidiano, é o mundo onde somos o ser no mundo. Mas “este mundo”, segundo Marandola (2014, p. 233):

Só faz sentido para Heidegger, do ponto de vista ontológico, em sua mundanidade. Isto significa que este mundo é aquele mais próximo, que envolve o ser e os entes em um cotidiano fático da pre-sença: o mundo circundante.

Este mundo circundante é do homem, a sua pertinácia, sempre relutante na defesa do lugar, mas sempre atento e pertinaz no olhar odioso do outro, às mãos afrontosas e execráveis que insistem na derrocada do lugar de coletividades originárias e tradicionais, como é o caso da Amazônia brasileira, onde nos propomos a falar através de uma Geografia poética ontológica.

Os coletivos originários amazônicos ainda sobrevivem sob um verdadeiro estado de invisibilidade, diante de políticas públicas governamentais consideradas insensíveis diante da riqueza ontológica e sócio – linguística – cultural desses povos da floresta. Nesta cosmogonialidade há uma usurpação de suas identidades, onde os tradicionais ritos e mitos de seus povos são tratados à revelia de ações governamentais inclusivas e democráticas, provocando uma séria ruptura nas relações ontológicas do ser amazônico com os seus autênticos modos de vida.

A ontologia amazônica vive a fluir, não é estática. Talvez como dissera Loureiro tenha sido um ponto de partida no imaginário das estrelas desejando esclarecer a existência do mundo, das coisas e da vida humana. Esta ontologia, se outrora, foi um vazio em extensão imensurável, foi na espacialidade e temporalidade, apropriando naturalmente das atividades do homem no seu espaço de ação na incansável busca pelo ser.

A ontologia amazônica é apreensão, representação e presentificação de uma divinizante fonte hermenêutica de uma Geografia poética do ser do ente. A ontologia amazônica é peculiar e plural e tematicamente imbricada num metamorfoseamento mais rápido do que a passagem quase invisível de uma flecha indígena rumo à caça preferida.

Uma flecha imaginária que visita às estrelas, o sol e a lua e em seguida descansa no colo do arco universal planetário. Neste momento arco e flecha se embrenham numa só corrente e num só propósito: anunciar ao mundo uma Geografia poética ontológica do bem viver amazônico.

Abolir a abominação da absurdez humana não é uma tarefa fácil de se conquistar. A natureza Afável vive em constante derrocada diante das odiosas atrocidades cometidas por ações desequilibradas do homem, que em vez de propor uma aliança de harmonia, promove com rancorosidade a execração do planeta e o infortúnio da vida.

Este infortúnio exacerbado é uma relação de arrogância e altercação em forma de um

insolente embuste para desalojar as almas da floresta e anunciar o caos do habitat natural de coletividades originárias e tradicionais da imensurável Pan – Amazônia planetária.

A soberba humana vive numa insidiosa corrente de ascensão de um ódio profundo contra a natureza, e nesta assuada desordem conflitante, caminha de forma desonrosa para o triste fim dos velórios florestais e para o advento criminoso do ecocídio. Nesta aversão ao lugar e ao outro, o mundo cambaleia desesperançoso e sem alteridade, e nesta avidez aviltante, coletividades inteiras são criminalmente arrebatadas e desterritorializadas da autenticidade do mais ancestral lugar.

A beligerância de um verdadeiro estado de guerra não cessa, e as batalhas continuam deflagradas no meio da mata, onde indígenas, camponeses, quilombolas, ribeirinhos e sem-terra se tornam alvos fáceis da morte em decorrência do desmatamento, do garimpo e da grilagem de terras na Amazônia. O descalabro e o desregramento estatal é uma empáfia embrutecida pela ganância do capital e pela negligência e sucateamento dos órgãos fiscalizadores.

Meio ao escárnio e o espúrio, o quadro social de clamor das minorias étnicas marginalizadas da floresta, continua estigmatizado por uma cortina de silêncio malévola, que execra e extenua o que resta da força dos pobres em agonia. A prática assassina de atos burlescos fragiliza as coletividades, escamoteia a verdade, espolia a terra mátria e sepulta o estesiante sentimento do belo.

Apesar da luta e resistência das minorias étnicas sociais marginalizadas, parece que sentimos suas forças se exaurirem, o fabuloso imaginário parece despedir-se da mata, o entrépito parece mais clarividente, o brioso lugar poético estar sentindo a gólgota como destino breve e a ignávia da ignorância humana, parece, enfim, encurralar e asfixiar a voz dos povos da floresta.

### **3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES: O SONHO DO BEM VIVER**

Mas diante da mácula da morte anunciada e da incúria estatal frente à falta de visibilidade de políticas públicas eficientes, de que forma será necessário intervir no sentido de enfrentar os desafios de uma situação vigente, combatida, sombria e segregacionista contra os povos indígenas da Amazônia brasileira?

Que alternativas tornar-se-iam imprescindíveis estratégias de políticas públicas que fossem capazes de combater o aniquilamento dos direitos dos povos indígenas?

O bem viver é um relevante tema que precisa ser expandido e fortalecido por entre as coletividades indígenas da Pan – Amazônia no sentido de combater o continuísmo vigente, superar o infortúnio deplorável e injusto, e anunciar novos paradigmas que valorizem práticas inovadoras de resgate ao sentimento, ao pertencimento e ritos e mitos ancestrais estetizantes que podem vivificar a ontologia amazônica do bem viver. Para o Professor da Universidade Federal de São Paulo, Thea Pitman (2019, p. 02):

O tema do bem viver foi inicialmente sugerido pela ONG (Global Challenges Research Fund do Arts And Humanities Research Council da ONU), e adotado por outras pessoas na rede como área onde a pesquisa poderá ser realizado em conjunto com iniciativas comunitárias existentes para promover valores, crenças, e práticas indígenas; iniciativas que são particularmente importante, dado os contextos políticos voláteis em ambos os estados e nação que ameaçam seriamente a sobrevivência dessas comunidades, assim como suas propostas alternativas para a organização social, humana e sua relação com o meio ambiente.

Refletindo no cerne deste mesmo contexto, Salvador Schavelzon, Professor em Antropologia social da Universidade Federal de São Paulo, deixa-nos a seguinte contribuição sobre a autonomia e bem viver:

Como políticas das organizações indígenas e não mais do estado ou do terceiro setor, o bem viver abre um debate relativo ao modelo desenvolvimentista, baseando-se na experiência comunitária de produção e sustento econômico. Em relação a esse projeto de recuperação e reinvenção das formas econômicas fora da dinâmica da inclusão no mercado da economia, da proletarianização e da dependência de recursos monetários estatais, a busca da autonomia se apresenta como uma reivindicação que procura assegurar controle político sobre o território e garantia a plena urgência das formas indígenas de políticas, de justiça e da própria organização. (SCHAVELZON, 2019, p. 12).

Para Schavelzon (2019), bem viver e autonomia como políticas de organizações e não mais do Estado, abrem os desafios de uma autodefesa e de uma construção que é feita de baixo, sem esperar nada de cima, em uma crítica nascida da experiência contra as formas diretas e sofisticadas de controle e tutela. Segundo o mesmo autor, os povos indígenas também desenvolvem uma agenda cosmopolítica, na medida em que se recusam a fazer parte de uma sociedade que oferece exploração e consumo, e buscam construir um lugar de autonomia:

Devido à reinvenção conceitual do bem viver e a autonomia como eixos da política indígena latino americano, é possível vislumbrar o fortalecimento de um novo mundo ou repertório de mobilização e contendas políticas indígenas, estabelecendo novas formas de pensar na defesa do território e outras disputas com os poderes econômicos e com o estado. A continuidade do colonialismo, o anticapitalismo e a abertura para questionar o corte moderno do mundo (representado pelo agronegócio e pelas missões evangélicas nas comunidades e as políticas públicas), dão origem a lutas que já não tem como objetivo a propriedade da terra distribuída individualmente ou por famílias, e que também não são orientadas a propor mudanças legais ou constitucionais. (SCHAVELZON, 2019, p. 16).

Enfim, como podemos observar o professor e pesquisador Abraham Colque, acredita que a proposta do bem viver, que também é uma construção discursiva, tem muito alcance, muita energia, e como projeto de futuro de sociedade é sumamente positivo, porque segundo ele, se contrastam o exterior a modernidade no ocidente e construir esta sociedade que busca sempre viver melhor, mas o homem sempre à custa de outro, então,

segundo Colque, o bem viver significa que estar se vivendo bem, “em relação com”. Para Colque (2019, p. 09):

O bem viver é uma alternativa, é um novo modelo, um novo paradigma de desenvolvimento entre convivas, mas tem que ter bases concretas na realidade. Tem de nos levar a mudanças concretas. As pessoas têm que sentir isso, e se nós não dermos passos a favor deste viver bem o discurso pode se perder.

O teólogo da PUC/Rio, Celso Pinto Carias, já nos diz que por incrível que pareça não se trata de criar algo absolutamente novo, mas de resgatar uma sabedoria que pode ser chamada, em linhas gerais, de bem viver. Observemos:

O bem viver trata-se de buscar relações humanas calcadas não na acumulação, no desperdício, em sugar da natureza tudo o que for possível para um mundo de vida opulento, mas na reciprocidade, na solidariedade, na empatia e na harmonia como conjunto da natureza, (CARIAS, 2020, p. 04).

No dia 14 de novembro de 2020 foi lançado pela (OPLAS), o Manifesto do Movimento pelo bem viver global. Conforme reza o manifesto, o movimento pelo bem viver reúne e entrelaça pessoas, coletivos e movimentos sociais que abraçam ou tem como horizonte o bem viver como outra via às correntes eurocêntricas e reducionistas que dirigem o mundo há 500 anos. De acordo com o manifesto, o fracasso de todas as concepções obscurantistas e projetos contra a natureza levou a buscar outros caminhos, entre eles, a experiência acumulada dos povos indígenas ou milenares, que estão neste continente há pelo menos 20.000 anos, que tem muito a oferecer e compartilhar.

Relacionamos abaixo, trechos extraídos do Movimento pelo Bem viver global que consideramos relevantes instigamentos de novas reflexões sobre o como viver bem:

I – A quebra e ruptura colonizadora imposta pela monarquia não conseguiu acabar com os povos ancestrais, que sobrevivem e resistem uns melhores que outros, e em diferentes níveis.

II – Somos um movimento plural, habitado pela diferença e a diversidade, característica própria da natureza e da qual o ser humano faz parte, e cujo sentido de existir é encontrar o equilíbrio e a harmonia entre seus diferentes lados e posições, para evitar cair em qualquer tipo de dogmatismo ou fanatismo.

III – Totalmente diferente do paradigma civilizatório que busca anular ou eliminar o oponente ou diferente, posição e atitude que basicamente destrói e que gera continuamente guerra, morte, destruição, violência, dor, somos conscientes de que não é fácil viver em harmonia e equilíbrio (bem viver), mas temos a perspectiva, as ferramentas e os conhecimentos para responder a partir desta filosofia da complementaridade, para sempre buscar reestabelecer a estabilidade e manter a equidade como as fontes primordiais de uma vida sustentável e simbólica.

IV – Neste sentido, queremos visibilizar, potencializar e consolidar estas ontologias, epistemologias, axiologias e hermenêuticas, para reconstruir nossas vidas pessoais e comunitárias que nos permitam encontrar outro estilo

de vida, a partir de outro modo de entender a realidade e de estabelecer outras relações às impostas pela civilização e particularmente pela pandemia do capitalismo.

V – Depois de mais de 200 anos, na Europa e em todo o mundo, as mulheres, as diversidades sexuais, as espiritualidades, e os povos indígenas de todas as cores da mãe terra se ergueram para dizer que não querem mais patriarcalismo, machismo, racismo, classismo, sexismo, homofobia, xenofobia, aporofobia, nacionalismo, psicofobia em relação a qualquer ser humano ou povo.

VI – O bem viver é um sistema sócio-político-espiritual que reproduz o sistema da natureza, ou seja, da vida, em uma versão e aplicação humana. Também não é apenas um projeto cultural, mas é um paradigma integral aplicável a todos os elementos que fazem a vida social e natural.

VII – Se você, assim como nós, sente o chamado da mãe terra para aflorar toda a potência e loucura criativa para juntos construir o mundo que queremos para nossos filhos. Se você assim como nós, sente a urgência de agir para construir um mundo de cuidado de todas as formas de vida. Se você assim como nós, está cansado da pandemia do capitalismo, junte-se ao bem viver.

(MOVIMENTO PELO BEM VIVER GLOBAL. Manifesto publicado por OPLAS. 14-11-2020).

**O escritor e liderança indígena do povo Baniwa, do Içam no Estado do Amazonas, André Fernando Baniwa, no livro “Bem viver e viver bem – segundo o povo Baniwa do Noroeste amazônico brasileiro”, nos fornece algumas propostas inerentes ao bem viver e o viver bem. Observemos algumas dessas propostas:**

I – Os princípios e o guia do bem viver e do viver bem Baniwa são fundamentais para a manutenção, a valorização e o fortalecimento dos conhecimentos tradicionais indígenas: ética Baniwa, cultura, línguas, histórias, e mitos, crenças, artes, plantas medicinais, cosméticos, organização social, família e vida em comunidade.

II – Procurar constantemente viver com sabedoria segundo os princípios do bem viver Baniwa para o convívio social.

III – Incentivar o fortalecimento e ampliação da formação de profissionais indígenas em universidades e escolas técnicas brasileiras.

IV – É de grande importância estarmos sempre bem organizados e fortes, por isso é fundamental para alcançarmos nossas metas coletivas, como a sustentabilidade e o bem viver e viver bem.

(BANIWA, 2020, p. 47, 48, 49).

Como podemos observar as propostas e princípios do bem viver, tanto em nível do manifesto, quanto em nível do povo Baniwa, é um combate à absurdez humana, onde não há espaço de complacência ou comiseração ao outro. O bem viver é cosmopolita, é uma dádiva da esperança dos povos indígenas marginalizados que lutam para se libertar da mentira ardilosa estatal e do enclausuramento abominável da sociedade envolvente usurpadora.

Aloir Pacini (2000, p. 5), antropólogo e pesquisador da Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT, nos diz que *“Chegou o momento propício para repensar o voto de pobreza como suplicidade de vida que cultiva o paradigma da complexidade dos mundos virtuais que exploram o mínimo da natureza dado que tudo está interligado”*.

Milton Mejía (2016), professor de Teologia da Universidade Reformada na Colômbia (CUR), nos diz no artigo “Desenvolvimento, bem viver e busca de alternativas”, que a forma como o bem viver ganha espaço no cenário político, mostra como se estão construindo as alternativas na América Latina. Ele nos fala que o bem viver surgiu de várias décadas de lutas indígenas, que se articularam com agendas múltiplas de mudanças sociais dos camponeses, afrodescendentes, ambientalistas, estudantes, mulheres e jovens. Segundo ele, por esta razão, o bem viver apresenta-se como uma oportunidade para a construção coletiva de uma nova forma de pensar e estilo de vida, individual, comunitário e social. Para Mejía (2016, p. 04):

O bem viver nesta perspectiva, não é apenas um projeto cultural – político puramente indígena andino. Este também está influenciado pelas correntes críticas do pensamento ocidental e seu objetivo é influir nos debates regionais e globais sobre a busca de alternativas a partir de outras cosmovisões, racionalidades, formas de viver e pensar.

Diante o exposto, podemos assim dizer que o bem viver indígena diverge dos atos facciosos da sociedade envolvente e do discurso falacioso e hediondo do aparelho estatal hegemônico. O bem viver Kaxarari, o qual nos propomos a executar neste projeto, deve partir da autonomia e das decisões de suas coletividades, respeitando e valorizando seus ritos e mitos ancestrais como novos paradigmas e novas alternativas que acendam a luz do bem viver em seus originários modos de vida.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Sumak Kawsay ou bem viver, talvez seja o sacrário natural da natureza, o navegar silencioso da ubá cortando as veias dos rios Abunã e Madeira, a utopia de uma imaginação real, na veemência da força impetuosa que se manifesta em cada ser Kaxarari, ordenado sagradamente pelo Deus Tsurá, a vivacidade e astúcia de Buyá, a volúpia das superações dos infortúnios das execrações hostis ou na fumaça sagrada do xamanismo ancestral.

O bem viver é o vento manso soprando as copas dos vegetais e com a sua força afiada, torna-se o zéfiro que aniquila a xenofobia, que estanca o vitupério linguístico ofensivo do homem branco, que impede a violação dos modos de vida originários com vituperação, através de uma vilania usurpadora e ultrajante.

A geografia poética vive de forma transcendental, entrelaçada aos ritos e mitos das populações originárias e tradicionais da Amazônia brasileira. É uma geografia peculiar que nasce com as singularidades e pluralidades do lugar: o lugar amazônico.

O capital vive desalojando almas, asfixiando o território e desterritorializando diversos povos indígenas do seu habitat natural. A geografia poética apropria-se do ser dessas coletividades e ao internalizar os seus modos de vida no espaço e tempo, denuncia ao mundo as atrocidades e hostilizações que a sociedade envolvente exerce sobre essas etnias milenares da floresta amazônica.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. O bem viver – uma oportunidade para imaginar outros mundos. Editora Elefante, São Paulo, 2018.

ARKONADA, Katu. Descolonização e viver bem são intrinsecamente ligados. IHU. On-line, 2010.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

BACHELARD, Gaston. **A Poética dos Devaneios**. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, Gaston. **A Terra e os Devaneios da Vontade**. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos**. São Paulo, Martins Fontes, 1989a.

BANIWA, André Fernando. **Bem viver e viver bem. Segundo o povo Baniwa do Noroeste amazônico brasileiro**. VIANA, João Jackson Bezerra; LUBEL, Aline Fonseca. (ORG). Curitiba, Editora UFPR, 2020.

CASTR, Ricardo Gonçalves. **Ecoética amazônica – o bem viver e o princípio responsabilidade de Hans Jonas**. Curitiba, Editora CVR, 2019.

CARIAS, Celso Pinto. **Nem normal, nem novo normal, mas bem viver**. Instituto Humanitas Usininos, 07-07-2020.

COLQUE, Abraham. **O indígena não é coisa do passado, ele é um projeto de futuro**. IHU on-line. 24 – 03 – 2011.

CITELLI, ADILSON. Linguagem e persuasão. São Paulo, Editora Ática, 2007.

COHEN, Jean. **Estrutura da linguagem poética**. São Paulo, Editora Cultrix, 1974.

COUTO, Alexandre & COUTO, Judith. KAXARARI, Miguel, Edmilson, Clemilda, Aldeir.

**Cartilha Kaxarari (1)**. Porto Velho, Sociedade Internacional de Linguística, 2005.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**. São Paulo, Perspectiva, 2015.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo, Editora Atlas S.A, 2009.

DIAS DE ASSIS, Nívia Paula. **(Cosmo) Ontologias indígenas no semiárido**. Fortaleza, Em Perspectiva, Revista do PPGH/UFC, 2020.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Pesquisar, Participar: Sensibilidades Pós-Modernas**. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu. **Pesquisa participante: O saber da partilha**. 1ª edição. Aparecida – São Paulo, 2006.

GORDON, César. **Bem viver e propriedade: o problema da diferenciação entre os Xikrin – Mebêgôkre (Kayapó)**. Revista MANA, N. 20, p. 95 – 124, 2014.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. 1989, São Paulo, Martins Fontes.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo, Perspectiva, 2007.

HEIDEGGER, Martin. **Que é isto a filosofia? Identidade e diferença**. Livraria duas cidades, São Paulo, 1971.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Ontologia (Hermenêutica da faticidade)**. Petrópolis, Editora Vozes, 2ª edição, 2013.

WILDE, Guillermo. **Bem viver indígena, muito além do Welfare State**. Instituto Humanitas Usininos – IHU, 29-11-2015.

HOLZER, Werther. **A discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente**. In: Revista Território, Rio de Janeiro, ano IV, (7), 1996, p. 70

HOLZER, Werther. **Mundo e lugar: Ensaio de Geografia fenomenológica**. In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia. **Qual o espaço do lugar?** 1ª edição. São Paulo: Editora perspectiva, 2014.

MARANDOLA, Eduardo. **Lugar enquanto circunstancialidade**. In: **Qual o espaço do lugar?** 1ª edição. São Paulo: Editora perspectiva, 2014.

MEJÍA, Milton. **Desenvolvimento, bem viver e busca de alternativas**. ALAI AMLATINA. Tradução de André Langer. Extraído de Instituto Humanitas Usininos, 27-07-2016.

MELO, Elson. **Mata virgem**. Manaus, edição do autor, 1981.

NUNES, Débora. **Bem viver, elemento para o pós – capitalismo?** Outras palavras, 14-09-2017.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Sistematização das experiências: Algumas apreciações**. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu. **Pesquisa participante: O saber da partilha**. 1ª edição. Aparecida – São Paulo, 2006.

KAWA, Nick. **A virada ontológica e a Amazônia: um diálogo** (completo). Amazônia latitude.com, 2017.

KAXARARI, Kamakuna. Marcondes Kaxarari. Entrevista. Março de 2021. Aldeia Paxiuba.

KOPENAWA, Davi; Albert, Bruce. **Palavras de um xamã Yanomami**. Companhia das letras, 2015.

LESBAUPIN, Ivo. **Para salvar a humanidade do desastre: “o bem viver”**. Portal das CEBs, 28-05-2018.

LIEBGOTT, Roberto. **O pacto de morte contra os índios e contra o bem viver**. Revista IHU on-line. N. 478, 30-11-2015.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: Uma poética do Imaginário**. São Paulo, Escrituras, 2001.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A arte como encantaria da linguagem**. São Paulo, Escrituras, 2008.

BEM VIVER GLOBAL, **Manifesto** pelo. OPLAS. 14-11-2020.

PACINI, Aloir. **Bem morrer é um alerta para o bem viver**. Instituto Humanitas Usininos, 10-06-2020.

PARMIGIANI, Tânia Rocha. **Poesia na escola: presença/ausência**. Dissertação de Mestrado. Universidade estadual de Campinas-Unicamp, 1996.

PITMAN, Thea. **Bem viver: linguagem, criatividade e criticidade**. Revista Periferias, 2019.

RANZI, Pedr. **Vamos falar o acreanes**. Rio Branco, Edufac, 2017.

REZENDE, Maria Idalina Monteiro. **A linguagem jurídica e sua expressão no contexto ribeirinho: a justiça itinerante no baixo madeira**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Rondônia. Guajará – Mirim – Rondônia, 2010.

SANTANA, Francisco Marquelineo. **Os brasivianos do rio Mamu: Modos de vida e a poética fenomenológica do viver**. 2019. 333 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2109.

SARAMAGO, Lígia. **Como ponta de lança: O pensamento do lugar em Heidegger**. In: Qual o espaço do lugar. MARANDOLA, Eduardo; W, Holzer; Oliveira, Lígia de. São Paulo, Editora Perspectiva, 2014.

SCHAVELZON, Salvador. **Bem viver e autonomia nos territórios indígenas Latino – Americanos**. Revista Periferia. 2019.

SILVA. Marcia Alves Soares da. **Por uma Geografia das Emoções**. *GEOgraphia*, v. 18, n. 36, p. 99-119, 2016.

SILVA, Josué da Costa Silva. **Cuniã: Mito e lugar**. Dissertação de mestrado, FFLCH/USP, São Paulo, 1994.

SOLÓN, Pablo. **Alternativas sistêmicas – Bem viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da mãe terra e desglobalização**. Editora Elefante, São Paulo, 2019.

SOUSA, Gladys Cavalcante. **Aspectos da fonologia da língua Kaxarari**. Campinas, dissertação de mestrado, biblioteca central da Unicamp, 2004.

STRECK, Danilo Romeu. **Pesquisar é pronunciar o mundo: Notas sobre método e metodologia.** In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu. Pesquisa participante: O saber da partilha. 1ª edição. Aparecida – São Paulo, 2006.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues & FONSECA, Dante Ribeiro da. **História regional (Rondônia).** Porto Velho, Rondoniana, 2003.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: A perspectiva da Experiência.** Tradução: Livia de Oliveira. Londrina, Eduel, 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **The Good Life.** Madison: The University of Wisconsin Press, 1986.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A floresta de cristal: Notas sobre a ontologia dos espíritos amazônicos.** São Paulo, n. 14/15, p. 1-382, 2006.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise 3, 14, 15, 16, 17, 19, 22, 23, 24, 28, 29, 39, 40, 41, 42, 45, 48, 50, 62, 73, 85, 86, 90, 93, 96, 97, 98, 101, 107, 109, 112, 115, 117, 119, 121, 136, 137, 139, 140, 147, 166, 170, 172, 173, 187, 188, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198

Aprender 14, 15, 19, 20, 21, 25

Aprendizagem 16, 19, 25, 177, 184, 199

Avaliação 59, 86

### B

Brasil 16, 25, 27, 28, 29, 37, 38, 39, 48, 51, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 67, 70, 74, 75, 76, 80, 81, 82, 85, 87, 92, 93, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 106, 107, 108, 111, 112, 117, 121, 135, 138, 139, 146, 147, 148, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 172, 173, 174, 177, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190, 192, 197, 198

### C

Cidadania 16, 25, 26, 27, 69, 81, 122, 146, 181

Cidade 28, 29, 30, 31, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 57, 58, 65, 67, 74, 75, 77, 80, 81, 83, 95, 96, 98, 99, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 113, 118, 121, 135, 167, 169, 170, 173

Conflito 64, 110, 139, 144, 145, 146, 147

Conhecimento 3, 10, 14, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 90, 98, 164, 165, 179, 182, 183

Contexto 6, 12, 14, 16, 17, 22, 26, 27, 32, 38, 40, 47, 48, 51, 56, 87, 92, 95, 96, 98, 99, 101, 103, 105, 107, 115, 122, 125, 132, 177, 178, 181, 190

Cultura 1, 2, 3, 8, 12, 45, 49, 50, 51, 67, 68, 92, 93, 111, 118, 121, 135, 139, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186

### D

Dados 16, 17, 19, 32, 33, 34, 40, 42, 55, 59, 61, 62, 73, 76, 82, 86, 88, 90, 96, 107, 109, 111, 115, 117, 121, 137, 139, 140, 142, 146, 164, 172, 173, 174, 181, 182, 187, 188, 191, 192, 195, 196, 197, 198

Desenvolvimento 7, 9, 11, 17, 26, 27, 32, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 78, 81, 93, 112, 115, 121, 135, 137, 138, 148, 164, 176, 177, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 190, 199

Desenvolvimento regional 64, 68, 176, 177, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186

Diversidade 7, 30, 33, 41, 67, 177, 180, 184, 190

## E

Educação 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 40, 47, 51, 55, 59, 63, 66, 68, 69, 82, 92, 93, 118, 172, 174, 180, 190, 197, 199

Educação geográfica 199

Ensinar 14, 15, 19, 20, 21, 25, 26

Espaço 2, 3, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 63, 64, 65, 70, 74, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 137, 138, 141, 142, 147, 167, 169, 170, 172, 173, 179, 183, 186

Espaço geográfico 15, 22, 23, 26, 29, 98

Estudo 13, 16, 22, 24, 26, 28, 29, 31, 33, 36, 39, 42, 53, 55, 64, 69, 71, 73, 79, 80, 84, 86, 96, 98, 99, 106, 108, 137, 147, 186, 187, 188, 190, 192, 196, 197

## F

Fonte 2, 4, 18, 42, 43, 44, 54, 55, 57, 58, 60, 61, 77, 84, 87, 88, 89, 90, 113, 114, 116, 117, 118, 120, 140, 144, 145, 182, 189, 191

Formação 8, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 46, 58, 68, 70, 71, 73, 81, 95, 96, 101, 104, 106, 107, 108, 110, 171, 183, 184

## G

Geografia 1, 2, 4, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 38, 42, 52, 53, 54, 63, 64, 70, 71, 74, 81, 95, 96, 97, 99, 106, 107, 108, 135, 137, 148, 164, 170, 199

## H

Humano 7, 8, 21, 22, 59, 60, 62, 63, 65, 66, 68, 69, 98, 124, 156, 179, 189, 196

## I

Indígena 1, 4, 6, 8, 9, 10, 11, 103, 172, 181

Informação 33, 65, 69, 82, 83, 86, 93, 97, 172, 197

## L

Linguagem 1, 2, 10, 12, 65, 82, 94, 168, 178, 186

Lugar 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 11, 12, 13, 22, 24, 39, 40, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 54, 55, 59, 60, 63, 64, 65, 73, 100, 121, 131, 139, 161, 167, 179, 183

## M

Metodologia 10, 13, 17, 41, 73, 86, 115

Mobilidade urbana 42, 43, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 121, 122

Município 34, 35, 39, 40, 43, 44, 45, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65,

66, 67, 71, 82, 87, 88, 103, 109, 112, 113, 115, 121, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 146, 147, 169, 182

## **N**

Natureza 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 21, 23, 24, 26, 29, 70, 75, 96, 98, 99, 106, 108, 110, 135, 177, 178, 179

Necessidade 23, 37, 47, 50, 69, 74, 76, 78, 83, 97, 101, 102, 110, 119, 137, 147, 164, 169, 170, 173, 177, 181, 183

## **O**

Ocupação 31, 34, 35, 36, 56, 57, 58, 74, 82, 83, 85, 86, 88, 89, 90, 93, 98, 102, 103, 104, 112, 114, 138, 166, 196

Organização 6, 8, 21, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 37, 40, 45, 46, 47, 49, 50, 53, 67, 68, 69, 99, 101, 112, 147, 177, 180, 183

## **P**

Paisagem 11, 22, 83, 84, 92, 110

Participação 54, 58, 61, 62, 64, 65, 67, 69, 91, 147, 165, 180, 197

Patrimônio 45, 50, 83, 85, 86, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 100, 102, 176, 177, 180, 181, 182, 184, 185, 186

Pesquisa 1, 2, 6, 11, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 24, 25, 27, 28, 29, 33, 34, 36, 39, 40, 41, 42, 45, 49, 50, 51, 61, 62, 65, 71, 73, 80, 82, 86, 88, 90, 91, 92, 93, 97, 98, 106, 107, 112, 115, 118, 119, 121, 135, 136, 137, 138, 142, 147, 148, 174, 187, 188, 192, 199

Pessoas 6, 7, 15, 28, 29, 30, 31, 32, 35, 36, 37, 40, 41, 45, 46, 53, 54, 56, 57, 58, 65, 74, 78, 110, 111, 112, 117, 119, 143, 164, 165, 169, 170, 171, 172, 180, 184, 196

Poder 1, 26, 32, 34, 40, 41, 43, 45, 46, 49, 51, 52, 65, 66, 67, 68, 70, 74, 81, 83, 86, 87, 88, 95, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 111, 137, 146, 160, 166, 167, 168, 170, 171, 174, 179, 184, 186

População 29, 32, 37, 49, 51, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 66, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 80, 91, 101, 105, 112, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 174, 181, 189, 190, 197

Problema 3, 11, 34, 78, 110, 111, 113, 144, 146, 172

## **R**

Relações 2, 3, 4, 7, 8, 15, 21, 22, 23, 24, 26, 31, 32, 34, 36, 37, 48, 51, 63, 65, 68, 78, 91, 96, 97, 99, 137, 141, 168, 170, 171, 178, 180

Rio 7, 11, 12, 27, 38, 41, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 61, 62, 69, 70, 71, 72, 76, 77, 78, 80, 81, 92, 93, 95, 96, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 119, 121, 122, 147, 169, 173, 174, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 189, 190, 198

## S

Sociedade 1, 3, 6, 8, 9, 10, 16, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 33, 37, 38, 46, 47, 63, 68, 70, 74, 95, 97, 99, 100, 101, 102, 106, 107, 111, 119, 139, 147, 148, 165, 169, 170, 172, 178, 180, 181, 182, 186, 187

Socioambientais 57, 69, 147

Socioeconômicas 111

## T

Tecnologia 31, 37, 39, 41, 67, 148

Teórico 3, 26, 28, 29, 183

Território 6, 10, 11, 22, 36, 38, 53, 61, 66, 70, 73, 79, 82, 86, 88, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 121, 135, 137, 138, 144, 169, 174, 176, 177, 183, 184, 185, 186, 191, 199

Trabalho 2, 14, 16, 17, 23, 27, 28, 29, 31, 32, 34, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 57, 67, 68, 69, 74, 96, 98, 99, 106, 109, 112, 115, 119, 121, 135, 139, 141, 164, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 180, 185, 187, 188, 190, 191, 192, 196

Turismo 51, 82, 85, 93, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 132, 133, 134, 177

## U

Urbano 37, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 73, 74, 76, 78, 80, 82, 85, 98, 99, 101, 103, 105, 106, 107, 109, 111, 113, 121, 127, 168, 169, 170, 173, 174, 196

## V

Violência 7, 75, 105, 109, 110, 111, 117, 121, 135, 142, 146, 148, 168



 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 @atenaeditora  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# GEOGRAFIA:

Espaço, ambiente e sociedade

  
Ano 2021



 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 @atenaeditora  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# GEOGRAFIA:

Espaço, ambiente e sociedade

  
Ano 2021